

AS AMBIVALENCIAS DA CULTURA DIGITAL E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

AMBIVALENCES OF DIGITAL CULTURE AND THE CHALLENGES OF EDUCATION FOR CITIZENSHIP

LAS AMBIVALENCIAS DE LA CULTURA DIGITAL Y LOS DESAFÍOS DE LA EDUCACIÓN PARA LA CIUDADANÍA

Valdeci REIS¹

Fernanda Silva LINO²

Ademilde Silveira SARTORI³

RESUMO: Este artigo utiliza algumas metáforas representadas na série britânica ‘*Black Mirror*’ como pano de fundo para problematizar os desafios que a sociedade hiperconectada está demandando para a educação. Recorrendo a estudos recentes que se debruçaram a analisar as contradições da cultura digital: vigilância na web, comunicação ubíqua, discursos de ódio amplificados nas redes; apostamos que a sala de aula é um espaço privilegiado para instigar os jovens nascidos na era digital a refletirem a dimensão ética e estética da internet. Nosso pressuposto é que a educação, independentemente do nível, precisa problematizar com os seus educandos o complexo labirinto que se tornou as redes digitais.

Palavras-chave: Cultura digital, Redes, Ética.

ABSTRACT: This article uses some metaphors represented in the British series 'Black Mirror' as a background to problematize the challenges that the hyper connected society is demanding for education. Drawing on recent studies that have examined the contradictions of digital culture, as well as surveillance on the web, ubiquitous communication, and hate speech amplified in networks, we bet that the classroom is a privileged space to instigate young people born in the digital age to reflect the ethical and aesthetic dimension of the internet. Our assumption is that education, regardless of level, need to discuss with their students the complex maze that has become digital networks.

Keywords: Digital culture. Networks. Ethics.

RESUMEN: Este artículo utiliza algunas metáforas representadas en la serie británica ‘Black Mirror’ como paño de fondo para problematizar los desafíos que la sociedad hiperconectada está demandando para la educación. Recurriendo a estudios recientes que se debruzaran a analizar las contradicciones de la cultura digital: vigilancia en la web, comunicación ubíqua, discursos de odio amplificados en las redes; apostamos que la sala de clase es un espacio privilegiado para instigar los jóvenes nascidos en la era digital a reflejar la dimensión ética y estética de la internet. Nuestro presupuesto es que la educación, independentemente del nivel, necesita problematizar con sus educandos el complejo labirinto que se hizo las redes digitales.

Palavras clave: Cultura digital. Redes. Ética.

¹ Doutorando em Educação na UDESC. e-mail: pedagovaldeci@gmail.com

² Doutoranda em Educação na UDESC. e-mail: lino.nanda@gmail.com

³ Doutora em Comunicação pela USP. Professora Titular da UDESC. e-mail: ademildesartori@gmail.com

Introdução

A disseminação das tecnologias digitais em todos os espaços sociais e profissionais tem instigado reflexões acadêmicas que tentam compreender os novos processos de subjetivação instaurados pelo fenômeno da cultura digital (HAN, 2017; 2016; 2015; 2013; SANTAELLA, 2013; 2016b; KERCKHOVE; 2016). Em tempos de Big Data, tecnologias inteligentes, internet das coisas, web semântica, inteligência artificial e conexão contínua, esses estudos têm procurado desvendar em que medida as promessas profetizadas em torno das TICs se concretizaram e em que ponto elas caíram irremediáveis por terra.

Para dar conta das especificidades que as tecnologias digitais têm provocado na sociedade, a cultura da web passou a ser numerada: web 1.0, web 2.0, web 3.0. De acordo com Santaella (2016a), a web 1.0 é o período que vai de 1980 a 1990, década em que predominaram os desktops com seus sistemas de arquivos, banco de dados, bem como os servidores que permitem o trabalho em equipe, gerando os portais de internet e intranet.

A web 2.0 – de 2000 a 2010 – trouxe a explosão das redes sociais: Google+, Orkut, Facebook, LinkedIn, Soundcloud, Twitter, Instagram. Foi nesse período que os internautas presenciaram a disseminação dos blogs e wikis baseadas na colaboração de dados e informações. A explosão dessas plataformas foi fortemente municida pela comunicação ubíqua, ou seja, aparelhos móveis conectados à internet que possibilitaram a interação em qualquer espaço a qualquer hora. A terceira era da internet que estamos atravessando após 2010 é a da computação na nuvem, dos aparelhos tecnológicos inteligentes, da internet das coisas e da vigilância ubíqua provocada pelo Big Data.

Com o propósito de elucidar os dilemas da era digital, escolhemos algumas metáforas representadas na série "Black Mirror" como pano de fundo para avançarmos no debate sobre os desafios que a sociedade hiperconectada⁴ está demandando às escolas de educação básica e aos educadores na construção de novos pilares éticos. As análises tecidas neste ensaio têm como fonte de inspiração a 'etnografia de tela' (BALESTRIN; SOARES, 2012), uma perspectiva metodológica que tem potencializado a utilização de audiovisuais como objeto de análise nas pesquisas em educação.

⁴ Conceito desenvolvido por (HAN, 2013) para problematizar a relação promíscua entre governo, empresas e sociedade civil no uso dos dados dos usuários da internet.

Sendo uma ramificação da perspectiva metodológica etnográfica (REIS e LUNARDI-MENDES, 2018), a etnografia de tela se preocupa em descrever as metáforas representadas na produção audiovisual, problematizando-as com os dilemas emergentes da sociedade contemporânea. Tal descrição é acompanhada de uma profunda revisão de literatura, do objeto que o etnográfico se propõe a discutir.

O presente artigo também dialoga com alguns estudos que se debruçaram a analisar as novas técnicas de poder intensificadas pelo capitalismo digital. Desde 2010, quando se popularizou o uso do Big Data – capacidade de processar e analisar grandes volumes das transações na rede –, estudos acadêmicos vêm sendo movidos por um desconforto com relação aos enigmas e paradoxos da cultura digital. Na era da conexão contínua, internautas disponibilizam de forma voluntária nas redes sociais informações que muitas vezes são consideradas sensíveis no âmbito da privacidade. Tais informações, que são dados para as indústrias de tecnologia da informação e comunicação, são transformadas na principal força de produção do neoliberalismo.

Este artigo está estruturado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos a discussão sobre o cenário contemporâneo das redes digitais, os processos de subjetivação, e alguns estudos que se dedicaram a problematizar a dimensão ética e estética das redes. Na sequência, expomos uma reflexão acerca dos desafios da educação frente aos dilemas da cultura digital, onde apontamos que as instituições de ensino, independente do nível educacional, precisam considerar a dimensão ética e estética na formação humana. Finalmente, apresentamos algumas considerações sobre o acesso a internet no Brasil e os desafios da educação no processo de inclusão digital.

Um ‘farolete’ para avançarmos sob a imensa ‘escuridão digital’: a construção de novos pilares éticos como resistência ao estado de frenesi instaurado pela sociedade conectada

As reflexões tecidas pelo filósofo sul-coreano radicado na Alemanha Byung-Chul Han têm contribuído para aprofundarmos o debate em torno das novas técnicas do poder instaurado na era do capitalismo digital. Sua análise é que a psicopolítica estruturou uma técnica de dominação que se diferencia dos métodos repressores representados na sociedade do controle descrita por Foucault (1999). Para Han (2015), o ‘panóptico digital’ tem um poder sedutor e inteligente, capaz de embriagar mulheres, homens e jovens que se submetam voluntariamente às forças de dominação.

Nas redes sociais digitais, o internauta, ao se filiar, não tem consciência de sua submissão. Para o autor, a eficácia do psicopoder⁵ baseia-se principalmente no fato de os indivíduos pensarem ser livres, quando na realidade o sistema explora a sua liberdade. A psicopolítica serve-se do Big Data e toda engenharia computacional capaz de interligar sistemas e plataformas, bem como rastrear os *cookies*. As empresas de tecnologia se apropriam e utilizam os dados pessoais dos infonautas⁶. Tais informações recolhidas permitem agências especializadas em monitorar dados na web, prever comportamentos sociais e condicioná-los em níveis subconscientes.

É desse modo que a sociedade hiperconectada está se convertendo em mecanismos de controle e vigilância, nos conduzindo a uma autêntica crise de liberdade. Sua análise evidencia, também, as dificuldades que os jovens nascidos na era digital estão tendo para lidar com temas relacionados ao exibicionismo e à privacidade na web. Por fim, uma discussão que tem ganhado força, sobretudo em suas publicações mais recentes, são as patologias psíquicas advindas da cultura digital (HAN, 2017; 2016).

A sociedade interligada por redes e plataformas digitais nos força a fazer múltiplas coisas ao mesmo tempo. Via aplicativos digitais, somos abordados a todo instante. Em qualquer lugar, interagimos com diversas pessoas – independentemente do horário e da localização geográfica. Não resta dúvida de que esse estado de frenesi, causado pela conexão contínua, traz novas reflexões para analisarmos os impactos que a era digital está nos impondo.

Com efeito, hoje encontramos-nos livres das máquinas da era industrial, que nos escravizavam e exploravam, mas os aparelhos digitais trazem com eles uma nova coação, uma nova escravatura. Exploram-nos em termos mais eficazes, porque, dada a sua mobilidade, transformam qualquer lugar num posto de trabalho e fazem de todo o tempo um tempo de trabalho. A liberdade da mobilidade paga-se por meio da coação fatal de termos de trabalhar em toda a parte. Na era das máquinas, o trabalho distinguiu-se do não-trabalho pela imobilidade das máquinas. O local de trabalho, até ao qual tínhamos de nos deslocar, podia separar-se com facilidade dos espaços do não-trabalho. Na atualidade, em grande número de profissões, essa delimitação foi suprimida. O aparelho digital torna móvel o próprio trabalho. Cada um de nós leva consigo de um lado para outro o posto de trabalho numa espécie de regime de campanha. Já não é possível escaparmos ao trabalho. (HAN, 2016, p. 46).

⁵ Esse conceito aparece em várias obras do autor, todavia uma discussão mais intensa é travada no livro *Pisicopolítica: Neoliberalismo e novas técnicas de poder* (HAN, 2015), para discutir os modos de produção na era digital.

⁶ Usuário imerso na rede (SANTAELLA, 2013).

Han (2014) também aceita a metáfora do rizoma para definir as redes digitais. Avança, todavia, em alguns aspectos das análises iniciadas por Castells (2002) e Latour (2004), enquanto Manuel Castells analisa a rede de forma homogênea, uma conexão de nós que se estrutura a partir de um ponto central. Latour nos apresenta a ideia de actantes, uma interação em rede que pode ser protagonizada por atores humanos e não humanos⁷.

O filósofo – radicado na Universidade de Berlim – coloca novos elementos para reflexão em torno da cultura digital, resgatando os estudos de Foucault (1999) e o projeto do sistema penitenciário – panóptico – formulado pelo jurista inglês Jeremy Bentham. Han (2013) considera que o atual estágio da difusão digital eliminou a distinção entre centro e periferia da web. Ao contrário do projeto panóptico do século XVIII, onde a vigilância acontecia mediante o confinamento, nos ambientes virtuais, a observação onipresente se dá a partir da interconexão dos internautas, independentemente da posição geográfica em que o usuário esteja. Tal ação se intensificou com a difusão da comunicação ubíqua, ou seja, artefatos tecnológicos que permitem interação em qualquer espaço, a todo o momento.

O autor recorre à metáfora da ‘nudez’ para analisar o excesso de exibicionismo que o ciberespaço instiga aos usuários jovens. Para o autor, a hipervisibilidade instigada pelas redes sociais digitais tem levado esse público a se comportar de forma obscena, beirando ao pornográfico. Han destaca, ainda, que o processo evolutivo da humanidade sempre foi acompanhado de superações de enfermidades. Segundo sua análise, já superamos as enfermidades bacterianas e virais. Nosso próximo desafio será superar a enfermidade neural. Complicações psíquicas, excesso de voyeurismo, competição consigo mesmo, dificuldade de discernimento entre íntimo e público são algumas das patologias psíquicas da atual era digital que estamos atravessando.

Tendo uma perspectiva filosófica hermenêutica, Han (2015) aposta na construção de novos pilares éticos para superação das ambivalências que os internautas vivenciam na atualidade: transparência x vigilância, público x privado, físico x virtual. É diante da acentuação de tais paradoxos que a ética, ou seja, a reflexão da moral se faz necessário a qualquer currículo que se propõem a educar para a cidadania.

Han comunga com os filósofos alemães Heidegger (1984) e Habermas (1999) a perspectiva que, moral seria um conjunto de normas e regras que conduz um

⁷ Leitores interessados nessa discussão, ver o capítulo “Pontos, conexões e ubiquidade tecnológica: as metáforas que ajudam a desvendar a sociedade em rede” em Reis (2016).

determinado grupo social. Ao longo da história da humanidade, cada sociedade estabeleceu o seu contrato social a partir do confronto de interesses dos setores dominantes (políticos, econômicos, sociais). Ao mesmo tempo, debates foram sendo estabelecidos nos diversos fóruns sociais, no sentido de alinhar ou desalinhar o contrato constituído, tal situação ocorre em função da reorganização constante de cada coletivo social.

Analisando a ética e a estética das redes digitais, o sociólogo Derrick de Kerckhove (2016) afirma que os cookies deixaram acessíveis todos os caminhos que percorremos no ciberespaço. Para o autor, sem que percebamos, nossas interações na rede são conduzidas por um inconsciente digital. A interligação de softwares, plataformas e banco de dados tem a capacidade de analisar nossos interesses e hábitos e nos oferecer uma série de sugestões, muitas vezes nos induzindo a tomar determinada decisão.

Conectado à internet com várias janelas abertas, o universo virtual nos oferece propagandas de produtos, sugestões de sites e inúmeras notícias relacionadas às palavras mais digitadas nos buscadores e plataformas digitais. Em tempos de Big Data e vigilância ubíqua, Kerckhove (2016) aponta quatro paradoxos na vida dos jovens que nasceram na atual sociedade em rede:

Vida privada: embora estejam bem conscientes dos riscos envolvidos, os jovens ainda publicam informação sobre si mesmos sem preocupação, incluindo informação que pode ser considerada “sensível”; **Controle:** os jovens pedem para ter controle sobre seus dados pessoais, mas se preocuparam pouco e não atualizam as ferramentas de proteção de anonimização, criptografia etc. (tecnologias que aumentam a privacidade, ou Privacy Enhancing Technologies-PET). **Responsabilidade:** os jovens consideram que a responsabilidade de proteger os seus dados pessoais deve ser compartilhada entre o Estado, as empresas e si mesmos, mas não acreditam que isso seja feito corretamente. O Estado parece muito distante, as organizações, não são confiáveis, e em relação a si próprios, os jovens alegam que não têm tempo nem competência. **Consciência:** as disposições legais para a proteção de dados pessoais não são bem conhecidas nem estão totalmente aceitas e têm menos influência no comportamento dos jovens do que a sua própria experiência diária (p. 8).

O Professor da Universidade de Toronto, em conferência proferida na Escola de Comunicação e Artes da USP em 2015⁸, citando HAN (2015, 2013) também advoga da

⁸ Ética, Estética e Transparência na era do Big Data. Conferência de abertura proferida no XIV Congresso Ibero-americano de Comunicação – IBERCOM em março de 2015 na USP.

necessidade de discutir novos pilares éticos diante da difusão das redes digitais, apostando na educação como estratégia para conscientizar os usuários da rede, bem como desmistificar o que se esconde atrás dos algoritmos. Para Kerckhove é indispensável educar os jovens para o desenvolvimento de ferramentas que garantam um nível mínimo de privacidade. Sua perspectiva é que os currículos educacionais precisam avançar na problematização da linha tênue existente entre transparência e vigilância.

Na esteira dessa discussão, a série britânica ‘Black Mirror’ (2011, 2013, 2016) nos fornece metáforas interessantes para analisar os dilemas que estamos vivenciando na era digital. Trata-se de uma antologia com atores diferentes em cada episódio. Tendo a primeira temporada estreada em dezembro de 2011 na TV britânica, o sucesso e a aclamação no meio acadêmico europeu contribuíram para que a produtora Netflix adquirisse os direitos autorais e encomendasse mais doze episódios que integraram respectivamente a segunda e terceira temporadas. A terceira temporada estreou em outubro de 2016 e novos seis episódios que irão compor a quarta temporada estão em processo de adaptação de roteiro, sendo que alguns estão sendo gravados fora do Reino Unido. A perspectiva é que o episódio quatorze estreie na Netflix em fevereiro de 2018. O que tem de perturbador e instigante ao mesmo tempo na série é a capacidade do roteirista Charlie Brooker montar cenários futurísticos, porém conforme as narrativas se desenrolam, o espectador descobre que esse suposto futuro não está tão distante da atual sociedade tecnológica e ubíqua que estamos vivendo.

Em artigo publicado no jornal The Guardian, o idealizador da série afirma que o propósito dos episódios é instigar os telespectadores a refletirem a dimensão ética e estética das tecnologias digitais amplamente difundidas no âmbito social, privado e profissional. O espelho negro que dá título à produção pode ser encontrado nas telas, nos monitores, nas câmeras de vigilância, nos smartphones, nos dados pessoais que são divulgados em nome de uma suposta transparência (BROOKER, 2011).

“Odiados pela nação”, episódio que encerra a terceira temporada, é a produção audiovisual mais longa da série. A metáfora principal explorada na narrativa são as atitudes inconsequentes de internautas que disseminam discursos de ódio nas redes sociais. Outro detalhe interessante é a forma como os personagens vão sendo enredados pela problemática central da produção audiovisual: uma professora de educação infantil que ajuda a disseminar a hashtag de ódio, bem como lidera uma campanha na internet para arrecadação de fundos para enviar um bolo com decoração obscena, cujo objetivo é

intimidar uma jornalista que publicou uma crônica polêmica e vem sofrendo xingamentos pelas redes sociais; um detetive de polícia que, tentando desvendar o mistério em torno da sequência das mortes de pessoas envolvidas em conflitos na mídia social, posta a hashtag só por curiosidade e sofre uma consequência devastadora. São situações que tentam elucidar a dificuldade de os usuários refletirem criticamente sobre a difusão da informação na web.

Outra metáfora que o episódio explora é a relação promíscua de governantes e empresas de tecnologia da informação e comunicação em processos de vigilância e monitoramento de dados pessoais dos usuários da web.

“Queda livre” procura dar ênfase na subjetividade pavoneada – ato de ostentarse e vangloriar-se de situações comuns – para ser bem avaliado nas redes sociais; “Versão de testes” aborda a dimensão ética dos games de realidade aumentada; uma mistura de cyberbullying e vigilância ubíqua das redes cibernéticas são as metáforas principais exploradas no episódio “Cala a boca e dança”.

Um dos episódios mais atípicos da série é “San Junipero”, dotado de uma narrativa de cunho poético que aborda relacionamentos homoafetivos, convida os telespectadores a refletir sobre a dimensão ética e estética do desenvolvimento da nanotecnologia e inteligência artificial. “Engenharia reversa” tem como metáfora principal o desenvolvimento tecnológico na indústria de armamentos, bem como uma crítica contundente às guerras protagonizadas pelo governo norte-americano no oriente médio. Todos os episódios da série, enfim, exploram alguma ambivalência atual da era tecnológica que estamos atravessando.

As metáforas retratadas na série televisiva traz para o campo da educação, a necessidade dos educadores problematizarem com seus educandos os dilemas que estamos enfrentando na cultura digital. Diante das contradições acentuadas com o fenômeno do Big Data, discutir os valores éticos da sociedade da informação, se tornou algo indispensável na formação humana.

Os desafios da educação diante das contradições da cultura digital

Na segunda década do século XXI, países subdesenvolvidos na América Latina, Ásia e África, vivenciam a disseminação da internet e a popularização de artefatos tecnológicos. Tal fenômeno permitiu que o indivíduo, antes apenas um consumidor de

mídias analógicas, agora filiado a uma rede social, o internauta emite sua opinião e discute com os seus seguidores os mais variados assuntos.

Couto (2014), tentando desvendar os processos de subjetivação tencionados no ciberespaço, advoga que a sociedade contemporânea vive uma era hiperconectada. Essa forma de viver a cibercultura, onde, a todo o momento, somos tencionados a produzir discursos sobre nós mesmos, faz com que sejamos instigados a comentar, elogiar e criticar os mais variados assuntos. Tais hábitos, inaugurados pela popularização e difusão das redes sociais, borram as “tradicionais fronteiras como a de vida privada e pública, anonimato e celebridade, produtor e consumidor, ensinar e aprender” (p. 48).

Para o autor, uma característica marcante da cultura digital é a “subjetividade pavoneada” (p. 54). Trata-se do ato de ostentar-se e vangloriar-se das situações comuns do cotidiano, como ir à feira comprar uma banana e/ou acordar com dor de cabeça. De acordo com o autor, nas redes sociais, pessoas de diferentes condições sociais e econômicas interagem e são protagonistas do espetáculo do seu cotidiano.

Em uma perspectiva de análise baseada em Foucault, Borges e Ceccim (2015), na tentativa de compreender os processos de subjetivação estabelecidos no universo digital, analisam as redes sociais digitais como um dispositivo de confessionário da contemporaneidade “em que o sujeito é instado, incessantemente, a produzir discursos sobre si, produzindo e sendo produzido por tramas de poder em um jogo de autorregulação” (p. 57).

Os autores problematizam as técnicas de vigilância e controle, bem como o tráfego de informações entre as corporações que administram as redes sociais e agências de análise de meta dados. Nesse contexto, os pesquisadores enfatizam que as redes sociais digitais conectam mais de 3 bilhões de pessoas no mundo e estas, instantaneamente, são instigadas a compartilhar sua vida pessoal, localização geográfica e gostos por determinado assunto ou produto.

Observa-se que os autores também visualizam os discursos estabelecidos nessas redes digitais como um mecanismo de confessionário da contemporaneidade em que os usuários compartilham suas angústias, seus delírios, seus pecados, seus momentos de euforia. Todavia, esses dados são monitorados, contabilizados e utilizados por corporações financeiras para analisar aspectos de comportamento e tendência dos internautas.

Tanto a perspectiva de Couto (2014) quanto a perspectiva de Borges e Ceccim (2015) trazem à tona aspectos imprescindíveis para analisarmos o quanto a cultura

digital tem atravessado nossas vidas, colocando, para a escola, novos elementos para discutir a cidadania e a participação social.

Concordamos com Chaves e Goergen (2017) que diante do desenvolvimento tecnológico que a sociedade contemporânea vivencia as instituições educacionais, independente do nível, precisam considerar na proposta pedagógica curricular a dimensão ética e estética da formação humana.

O desafio posto é formar cidadãos críticos, autônomos, responsáveis socialmente, capazes de reconhecer e respeitar as diferenças, bem como de agir ética e moralmente a favor do bem-estar da sociedade. Objetivo fácil de enunciar, mas difícil de realizar num cenário social globalizado, marcado por enormes decalagens sociais, de acúmulo de riqueza e intensificação da pobreza, de incertezas e constantes transformações estimuladas pela explosiva evolução da ciência e tecnologia, do ordenamento aparentemente incontornável do capitalismo produtivista e competitivo, das expectativas de enriquecimento e sucesso individual, num cenário de crescente desigualdade e injustiça social.

Ética e estética são temas centrais na obra de Habermas (1995; 1990), discorrendo sobre educação e o cuidado de si, o filósofo sintetiza a ética, como a capacidade de reflexão em busca da evolução moral. Para o autor, em um determinado grupo social, se os indivíduos agem de forma autônoma, sem ferir o acordo social estabelecido, há neste grupo um elevado padrão ético.

O autor aposta na educação, como possibilidade de expandirmos os mais elevados padrões éticos para todas as esferas da sociedade. Byung-Chul Han (2016), refletindo sobre a estética da cultura digital a partir dos estudos de Habermas, aponta a necessidade de superarmos o estado de embriaguez que inicialmente estabelecemos com os artefatos tecnológicos. Seu pressuposto é que a cegueira e a obnubilação simultâneas provocadas pelo digital nos impedem de avançarmos no debate.

Entendo por estética, a capacidade de refletir sobre um estado de bem estar, ou seja, uma sensibilidade onde o indivíduo sai de um suposto estado bruto, e passa a considerar nas suas ações, a convivência em harmonia com os demais atores do grupo social a qual pertence. Han aponta a necessidade de levarmos em consideração a dimensão ética para analisarmos as redes digitais.

Segundo sua perspectiva, o digital embaralhou as fronteiras entre produção e recepção. Para o autor, cada internauta é “emissor e receptor, consumidor e produtor ao

mesmo tempo” (p. 15). Sua análise é de que a ausência de uma reflexão crítica sobre as potencialidades das redes digitais está nos levando a uma *sociedade da indignação*.

A sociedade da indignação é uma sociedade do escândalo. É desprovida de firmeza, de contenção. A rebeldia, a histeria e a obstinação peculiares das ondas de indignação não permitem qualquer comunicação discreta e objetiva, qualquer diálogo, qualquer debate (p. 19).

Impossível não relacionar essa reflexão com as metáforas representadas no episódio ‘*Waldo*’ da série *Black Mirror*⁹. No centro de uma crise de credibilidade política que assola a sociedade britânica. *Waldo*, mascote de um programa de humor na TV, utiliza um linguajar popular, para ironizar e constranger figuras públicas.

Com o início da campanha eleitoral para o parlamento, o mascote passa a esbrachar os candidatos. Diz palavrões, não poupa ninguém, fala o que os eleitores desacreditados da política querem ouvir.

Diante do descrédito na classe política; reprodução discurso do mercado financeiro pelas mídias hegemônicas; falta de confiança no sistema judiciário do país, instabilidade nos acordos políticos da base governista, ausência de uma liderança política com capacidade de apontar saídas para a crise ética e moral representada na trama. *Waldo* surge como um representante legítimo da população, alguém que está atendo aos problemas que os cidadãos vivenciam diariamente.

Vários movimentos ‘Pro-*Waldo*’ surgem nas redes sociais digitais. Grande parte da população que até então, não estava interessada no processo eleitoral, passa a se engajar para que *Waldo* – mascote – tenha o direito de registrar sua candidatura. Passeatas e atos públicos são convocados por internautas e intensificados com as coberturas ao vivo, realizadas pelos meios de comunicação de massa.

Han (2016) observa que grande parte das ondas de indignação que surgem nas redes cibernéticas, as quais podem ser associadas a movimentos ciberativistas e que, na maioria das vezes, são amplificadas e municadas pela cobertura das mídias tradicionais, têm um debate político e social precário e reduzido. Metáfora que também é explorada no episódio “*Odiados pela nação*”¹⁰, sendo que, na trama, personalidades ou figuras públicas que se envolveram em declarações polêmicas na web passam a ser vítimas de discursos de ódio propagados nas redes sociais.

⁹ Terceiro episódio da segunda temporada.

¹⁰ Sexto episódio da terceira temporada.

A produção mostra com genialidade como os internautas vão sendo enredados pela narrativa raivosa tecida na rede, bem como a incapacidade de os usuários refletirem criticamente sobre o fato que gerou a indignação. Avançando nos estudos de Foucault (1999) e Deleuze (1992), Han sugere que passamos de uma sociedade disciplinar e controladora para uma sociedade do psicopoder. “A psicopolítica, com a ajuda da vigilância digital, está em condições de ler pensamentos e de controlá-los” (HAN, 2016, p. 106).

Sobre a complexidade dos movimentos que emergem no complexo labirinto das redes, Slavoj Zizek (2013) nos apresenta um diagnóstico interessante. Para o esloveno, o grande risco que os internautas correm é de não conseguirem observar, bem como compreender as dinâmicas do capitalismo global em sua totalidade. Para o autor, esse risco se acentua quando o movimento apresenta pautas difusas, como as jornadas de junho de 2013 no Brasil, ou quando o movimento foca em pautas muito específicas, como foi o caso da primavera árabe.

Sua análise é que para o capitalismo global possa continuar se expandindo, os serviços públicos como educação, saúde e assistência social precisam diminuir. E para que isso possa ser executado, os governos usam toda sua força coercitiva e contam com outro braço armado do sistema: as mídias hegemônicas.

Não compreender as especificidades do sistema capitalista em todas as suas dimensões, pode levar determinados movimentos a desembocarem em uma grande festa carnavalesca. Onde multidões são arrastadas a praças e avenidas, cantam, bebem, dançam, batem panelas, todavia não conseguem enxergar o nível de precariedade e exploração a que estão submetidos diariamente pelo sistema que os ‘asfixia’.

Ainda sobre os desafios da educação frente aos dilemas da era digital, a superexposição das pessoas nos espaços virtuais é outro aspecto que deve deter a atenção de educadores, especialmente em relação à cultura juvenil, pois os cenários virtuais são fatores extremamente socializadores e de forte influência na construção das identidades. Conforme Barroso (2014), a transição das redes sociais tradicionais para espaço digital possibilita que a comunicação gratifique as pessoas com um presente imediato que amplifica os círculos de relações mútuas. “Junto a este vasto campo de oportunidades, também se abre um território para os riscos, em que as incertezas, a violação da confiança e os enganos são fatores reais” (p. 230). Para o autor, a necessidade de se afirmar se vincula com um grupo de referência e de um sentimento de pertença, que envolve uma espécie de retroalimentação da identidade.

Mesmo com os riscos e limitações cada vez mais discutidos, as redes digitais também são espaços que amplificam os potenciais comunicativos, contribuindo com a noção de pertencimento. Contudo, para Han (2013), os meios digitais trazem uma nova forma de escravidão e coação, em que a narrativa perde a importância e tudo é calculado pela contagem de ‘curtidas’.

Os dilemas da era digital representados na série *Black Mirror* – e refletidos no presente trabalho a luz de filósofos que tem se debruçado a analisar essas contradições – são apenas algumas das diversas questões que envolvem os complexos labirintos do ciberespaço. Questões estas que desafiam os educadores a avançar na formulação de uma proposta curricular que considere a dimensão ética e estética na formação humana.

Considerações

Não é simples analisar um contexto no qual estamos inseridos e do qual que participamos ativamente enquanto cidadãos imersos na cultura digital. Por essa razão, a série *Black Mirror* foi uma das fontes de análise desse estudo, pois a experiência audiovisual permite a ampliação dos protocolos de análise. Por meio das metáforas apresentadas na série, foi possível realizar uma reflexão mais aprofundada para compreender os novos processos de subjetivação, diante da difusão das tecnologias digitais em todos os espaços sociais, e buscar caminhos para pensar uma proposta educacional que instigue os educandos a refletirem a dimensão ética e estética das redes digitais.

Em um país com um território de proporções continentais como o Brasil é preciso reconhecer as diferenças regionais, sociais e econômicas no acesso e na participação da cultura digital por parte da população. Mesmo assim, há que se admitir também que boa parte da população de crianças e jovens brasileiros está intensamente conectada à internet, imersa na cultura digital de seu tempo, principalmente por meio de dispositivos móveis, participando, se expressando, aprendendo, curtindo, se expondo, ensinando, consumindo e produzindo conteúdos (REIS, SOUZA-NETO e MARQUES, 2017).

Estudos elaborados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil apontam que 65% dos brasileiros utilizam a rede de alguma forma – trabalho, escola, lanhouse, telecentro, casa de parentes. Ao aumentar o zoom sob as faixas etárias, a pesquisa revela dados

ainda mais relevantes. Entre os adolescentes e jovens de até 24 anos, 80 % declaram ser usuários da rede, sendo que 75% acessam todos os dias ou quase todos os dias.

Quando questionados onde esses jovens acessam a internet, os últimos monitoramentos da CGI.br (2014, 2015, 2016) apontam uma tendência crescente do jovem procurar a rua – praças e locais públicos que disponibilizam Wi-Fi gratuitamente – para se conectarem à rede por meio dos dispositivos móveis. O dado mais curioso que esses monitoramentos apontam se refere ao que eles fazem na rede, sendo que a atividade mais citada foi: *usou a internet para fazer o trabalho escolar ou da universidade, mencionada por 87% dos entrevistados.*

Outro dado emblemático, captado pelo monitoramento da CGI.br, é o de que a cada ano, locais como escolas, bibliotecas públicas, cybercafés, telecentros, vêm sendo menos procurados por jovens como locais em que eles acessam a internet. A popularização dos smartphones tem contribuído para essa mudança de comportamento dos jovens brasileiros.

Em síntese, os principais apontamentos destacados no relatório da CGI.br (2016) são: I) enormes disparidades entre regiões geográficas do país e classes sociais em relação ao acesso e uso proficiente da rede; II) o celular se tornou o principal dispositivo que os brasileiros utilizam para interagir na internet; III) a maioria absoluta da população economicamente menos favorecida, bem como a população que mora na área rural acessa somente a web pelo celular; IV) o uso proficiente da rede está restrito aos brasileiros com graduação completa e renda superior a cinco salários mínimos.

Os dados coletados demonstram ainda que embora a expansão em números absolutos de usuários da rede no Brasil tenha ocorrido de forma significativa nos últimos cinco anos, este crescimento ficou restrito aos grandes centros urbanos, sendo que o país ainda tem desafios imensos a superar no que se refere às diferenças geográficas, bem como às classes sociais – A, B, C, D, E. Outro fator que merece reflexão é o fato de o celular ter despontado como o principal artefato que os brasileiros utilizaram para se conectar à internet. De acordo com os dados, 89% dos internautas recorreram ao dispositivo móvel para acessar a rede. Entre a população em situação de vulnerabilidade social, esse dispositivo é o único meio utilizado para interagir na web.

Os dados da CGI.br revelam que o aumento do número de internautas no Brasil, não significa que esses usuários utilizem com efetividade os aplicativos digitais. Sobretudo nas classes – C, D, E –, foi identificado um uso instrumental de acesso à internet, postagem de fotos na rede social Facebook e uso do aplicativo Whatsapp para

efetuar ligação por meio de vídeo foram as atividades mais citadas pelos entrevistados. O uso da internet para monitorar as ações dos governos, acessar sites relacionados à saúde ou educação, acessar jornais e revistas digitais está restrito aos brasileiros que possuem graduação e renda igual ou superior a cinco salários mínimos. Esses elementos demonstram que o processo de inclusão digital no Brasil ainda tem desafios hercúleos a serem superados.

Considerando que a maioria dos jovens que residem nos centros urbanos, desde a infância tem acesso aos artefatos tecnológicos, bem como a rede mundial de computadores. É indispensável que a educação básica problematize com os adolescentes toda complexidade que envolve o labirinto das redes digitais.

Referências

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “‘Etnografia de tela’: uma aposta metodológica”. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 87-107.

BARROSO, José Antonio G. “Cenários virtuais, cultura juvenil e educomunicação 2.0”. In: APARICI, Roberto. **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

BORGES, Renato Levin; CECCIM, Ricardo Burg. “O Facebook como confessorário: Discurso sobre si e o investimento dos poderes”. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 57-67, 2015.

BROOKER, Charlie. “The dark side of our gadget addiction”. **The Guardian**, 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHAVES, Amanda Pires; GOERGEN, Pedro Laudinor. Ética e estética na formação humana. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 7, no 2, p. 331 – 349, Mai. - Ago., 2017.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas 2015**. São Paulo: Comunicação Nic.br, 2016.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas 2013**. São Paulo: Comunicação Nic.br, 2014.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas 2014**. São Paulo: Comunicação Nic.br, 2015.

COUTO, Edvaldo Souza. “Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais”. In: PORTO, Cristiane e SANTOS, Edmeia de Oliveira (Orgs.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 47-65.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Traduzido por Peter Pal Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I. A vontade de saber**. Lisboa: Relógio D’Água, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e moral**. Trad. Sandra Lippert. Lisboa: Gean Piaget, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. Ana Maria Bernardo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Trad. Flávio Siebeneicher. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HAN, Byung-Chul. **Sobre o Poder**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No Exame: reflexões sobre o digital**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: Neoliberalismo e novas técnicas de poder**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2015.

HAN, Byung-Chul. **A agonia de Eros**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2014.

HAN, Byung-Chul. **La sociedad de la transparencia**. Traduzido por Raúl Gabás. Barcelona: Herder Editorial, 2013.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2012.

HEIDEGGER, Martín. **Grundfragen der Philosophie**. Ausgewahlte ‘Probleme’ der ‘Logik’, em Gesamtausgabe, tomo XLV. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1987.

KERCKHOVE, Derrick de. “Ética de transparência na era do Big Data”. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA USP, 2016. p. 5-23.

LATOUR, Bruno. “On recalling ANT”. In: LAW, John. **Actor network theory and after**. London: Blackwell, 2004.

REIS, Valdeci. **Jovens professores conectados: os desafios da docência na era digital.** 2016. 177f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

REIS, Valdeci; LUNARDI-MENDES, Geovana Mendonça. O registro do etnógrafo: reflexões sobre a prática etnográfica educacional. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 164-183, 2018.

REIS, Valdeci; SOUZA-NETO, Alaim; MARQUES, Gleicy Corrêa Nunes. ‘Práticas Pedagógicas Educomunicativas: os desafios da escola na era do Big Data. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 12, no 26, p. 402 – 414, Mai. - Ago., 2017.

SANTAELLA, Lúcia. “A cultura digital na berlinda”. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA USP, 2016a. p. 93-101.

SANTAELLA, Lúcia. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política.** São Paulo: Paulus, 2016b.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

ZIZEK, Slavoj. Problemas no paraíso. In: MARICATO, Ermínia. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2013. p. 101-109. (Tinta Vermelha).

Filmografia

‘**BLACK Mirror**’: **primeira temporada.** Direção: Brian Welsh, Euros Lyn, Otto Bathurst. Roteiro: Charlie Brooker. Reino Unido, 2011, Channel4.

‘**BLACK Mirror**’: **segunda temporada.** Direção: Bryn Higgins, Carl Tibbetts, Owen Harris. Roteiro: Charlie Brooker. Reino Unido, 2013, Netflix.

‘**BLACK Mirror**’: **terceira temporada.** Direção: Dan Trachtenberg, Jakob Verbruggen, James Hawes, James Watkins, Joe Wright, Owen Harris. Roteiro: Charlie Brooker. Reino Unido, 2016, Netflix.

Enviado em: Nov. 2017.

Aceito em: Jun. 2018.

Como referenciar este artigo:

REIS, Valdeci; LINO, Fernanda Silva; SARTORI, Ademilde Silveira. As ambivalências da cultura digital e os desafios da educação para a cidadania. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 5, n. 11, p. 180-196, mai/ago, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index>>. e-ISSN: 2359-2087.